



Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo



Delinquência de Menores DISCUTIDA EM SEMINÁRIO

A maioria
dos velhos
é arrumada
nas prateleiras
— pelos próprios
filhos!...
Uns, e está certo,
por falta
de espaço
ou de meios
para o seu
sustento
ou por terem
emprego
fora da Pátria...

● Em África, na região que conheço, velho quer dizer autoridade, conselho, respeito e carinho. Entre nós, velho nem se diz; escreve-se idoso e terceira idade e quer dizer, salvo muitas excepções, peso, arrumado e esquecido.

Há dias, vi numa casa de férias para a dita terceira idade um bailarico ao som de um gravador, organizado por eles. Pés pesados, rostos sem expressão, sorrisos fugitivos e vagos. Alguns deles ainda muito capazes numa tarefa útil ao bem-comum. Útil também para eles, pois sentir-se-iam realizados e válidos. Mentalizados, porém, à arrumação pela segurança do estar e do comer — perderam a alegria.

A maioria foi arrumada nas prateleiras — pelos próprios filhos!...

Uns, e está certo, por falta de espaço ou de meios para o seu sustento ou por terem emprego fora da Pátria.

Outros, porém, porque os pais se tornaram peso e estorvo.

Para nossa edificação e conforto, há tantas famílias a darem-nos exemplos enternecedores de carinho pelos pais:

Uma delas está construindo sua habitação. A primeira preocupação no projecto foi um quarto grande — e o mais bonito — para os pais! Tão lindo!

Outras — filhos e filhas —

NOTAS DA QUINZENA

que até ao fim da vida de seus pais os tratam com o modo e carinho que eles receberam quando bebés.

Um mal necessário e remendo pobre: os Lares de terceira idade — nascidos mais da crise da moral familiar, do nosso egoísmo e de ideias anti-família que do autêntico amor cristão e evangélico.

● De facto, maior que todas as crises e mais profunda — a minar raízes — é a espiritual e familiar. Do fosso safu a licença de fazer tudo — perante a complacência tola de todos.

Bem no fundo, a caracterizá-la, o esquecimento de Deus. O homem prescindiu d'Ele. Fechou-se dentro de si próprio. O seu egoísmo roubou a paz ao seu coração, ao seu lar, à sua cidade.

O mais doloroso é termos perdido os carreiros que levam aos Irmãos. Em nosso prédio

e cidade não encontramos os «outros»... Estamos sós!

● Por tudo, a nossa sociedade doente e triste exige dos cristãos uma adaptação e actualização do seu estar no meio do mundo. Uma Caridade inventiva — que ultrapasse o ceguinho a tocar na rua e o pobre que mostra a perna deformada.

Todos vemos que não é tanto a falta de coisas, mas muito mais — a falta de amor e de entendimento mútuo.

Sobretudo, não podemos estar alheios às injustiças e a todas as causas que matam a fraternidade.

Estejamos atentos — para chegarmos em primeiro lugar ao local do desamor... Tantas vezes somos nós os últimos!

Só um regresso às virtudes familiares.

Padre Telmo

Assim rezava a epígrafe da breve notícia inserta em um matutino de Lisboa e tal qual a tomo.

O Seminário decorreu no Centro de Estudos Judiciários e apresentou o seguinte estado da questão: «A delinquência de Menores atinge proporções assustadoras e com ela se debatem autoridades, juizes e assistentes sociais, instituições de segurança social, psicólogos, escolas e professores, pais e educadores, as comunidades locais e a sociedade em geral».

Dai, a decisão tomada de «chamar as famílias e os pais às suas responsabilidades morais, sociais e económicas, de de que se não podem demitir. Chamar todos, os Menores incluídos, à formação de uma consciência social e demonstrar com actos e atitudes, que se quer o bem do Menor em cada caso concreto».

Esta decisão sai do referido Seminário. Não sei é quem foram os participantes nem a força que terão para realizar esta chamada geral, a principiar pelos Responsáveis na Coisa Pública, aos quais eles próprios atribuem, como «causa principal, a falta de vontade de mudar a situação de degradação dos Menores».

Eu até penso que não faltará vontade política... O que falta é a atenção e o tratamento prioritário que este problema reclama, talvez porque outras urgências prometem maiores dividendos políticos... Falta legislação, necessariamente simples, estrutural, capaz de atender o leque imenso de casos concretos «cujo bem se quer». E, sobretudo, tem faltado a autoridade para fazer cumprir leis que há.

Falta a coerência entre todas as partes do sistema social que, mediata ou imediatamente, influem no comportamento dos Menores.

Falta uma instituição familiar saudável que alguns — é verdade! — têm procurado e conseguido enfraquecer sob falsos argumentos de libertação do homem.

... Incapaz de esgotar as omissões e acções causais de um panorama tão sombrio,

debruçemo-nos sobre alguns. A Família, pois, em primeiro lugar.

Se fôssemos às histórias dos Rapazes que vivem sob os nossos tectos e às da legião deles que aguarda lugar, teríamos matéria para um tratado sobre a demissão moral, social e económica de multidão de famílias. E esta demissão acontece à luz do sol, sob o olhar das autoridades que se preocupam mais em resolver casos pontuais do que em preveni-los. Há dezenas de anos que temos diligenciado alertar os Responsáveis para este mal, sem resultado prático.

Os problemas dos Menores são, quase sempre, reflexo de problemas familiares. Não se pode resolvê-los fora deste contexto, sem remédios que visem o problema global. É indispensável, em cada caso, fazer-se o diagnóstico familiar, «para se poder saber — como dizem os intervenientes neste Seminário — até onde deve ir o socorro e apoio moral, escolar e económico do Estado, através das várias instituições que concorrem para resolver a situação do Menor».

A dimensão deste socorro, por muito grande que seja, é sempre desproporcionada «às proporções assustadoras» do problema. A deixá-lo crescer nas causas, onde?, quando se atingirá o ponto de equilíbrio? E ainda que houvesse meios de o atingir, haveria erro de princípio. O papel das Instituições, quer do Estado, quer Particulares, deve ser sempre supletivo, reservado aos casos extremos em que, por ausência total de família própria ou pela sua incapacidade reconhecida como insuperável, haja de dar-se ao Menor uma família de substituição. Se o problema vem apenas do económico, responde a Segurança Social no seio das famílias. Se vem de distúrbios morais — e infelizmente é daqui que vem, hoje mais que nunca, a esmagadora maioria dos casos — haja leis fortes e mecanismos dextros para as pôr em acção, que previnam a demissão das famílias, epidemia que cresce sem trévo.

Cont. na 4.ª pag.

PARTILHANDO

● Agora é altura de falarmos de muitos outros casos que temos: Os pedidos de admissão que nos chegam, por todos os meios que é possível. Aqui vão dois, somente, no mesmo dia:

O primeiro diz respeito a um pequeno de nove anos que perdeu os pais e os irmãos num desastre de carro. Da morte só escapou ele; mas da boa ou má sorte Deus sabe... Entregue aos padrinhos que o estimam, começa agora a ser um pequeno terror. E a força dele começa onde a fraqueza daqueles está: idade, saúde e mimo! Aí vai o menino, torto e a crescer para a vida, sem pena de quem dele teve tanta...

Aqui, se um dia for nosso, aprenderá a ser sensível à beleza das coisas e à franqueza das pessoas, pelas mãos de quem, como ele, perdeu tudo... E ninguém gosta de perder... Só por amor!

Outro caso:

É de Luanda! Quantos outros lá não haverá nessa Angola grande e já distante — vítimas da guerra entre os homens! Este foi vítima de uma outra guerra: a da paternidade. Do pai nada se sabe, nem quem ele é! A mãe morreu na hora do parto. O pequeno está com a avó, já velhinha. Agora, res-

ta ele. A começar a vida sem nada, sem ninguém... Uma sua tia veio pedir para ele vir. Demos esperança. E ficámos com dúvidas: de tão longe e nós com a Casa cheia! É um caso nosso...

Ultimamente, por escrito, pessoalmente ou pelo telefone, os casos de abandono têm chegado quase diariamente!

Isto é um problema muito grande que se põe à nossa Casa — e a todos.

— **Arranje aí mais um cantinho para este...** — desabafa, assim, quem nos vem pedir.

O nosso «cantinho» tem limites, também!

● Temos um Amigo que vive no Porto, numa daquelas ruas estreitas do centro da cidade. Visita-nos muitas vezes para nos dar conta das suas economias em favor da nossa Casa. É sapateiro! E a oficina

é dentro de sua casa. Já para além dos setenta anos, vive só com a esposa que não lhe deu filhos e a quem dedica esta afirmação de ternura: — **Quando ela morrer eu sinto que também irei depressa...**

Sobre o seu trabalho e lucros, diz o seguinte: «**O dinheiro, até pela janela entra.**» Eis a graça da sua honestidade e economia! A pensar nos Outros, — nos que mais precisam!... Por isso, os juro do dinheiro passam de vinte para cem por cento! Isto são contas de outros bancos... Da Fé, da Eternidade...

Aos seus amigos ateus, ele esclarece assim: — **Se eu acredito em Deus, digo que Ele existe, e ao morrer se lá não O encontrar, nada tenho a perder. O contrário é que é uma «encravada»...**

Assim é este nosso Amigo que, desde os pontos que dá nos

sapatos até ao repartir das economias materiais e espirituais, aprendeu a lição da Vida! Pobre por causa dos Pobres! De sapateiro, apenas a profissão... Mais nada.

● Fui há dias depositar dinheiro ao Banco. Um dos funcionários atende-me e, com amabilidade, ajuda-me a preencher papéis. Outro seu colega interrompe-nos, para perguntar de quem era uma assinatura com o nome x. «**É do nosso patrão...**» — respondeu o senhor que me atendia.

— **Nem conheço o meu patrão...** — desabafou com ar triste, aquele outro funcionário. Patrão, aqui, não significa o mesmo que dono, mas sim administrador ou director.

Entretanto, porque eu achava graça àquele diálogo tão

simples como estranho, o senhor que me estava a atender, tenta esclarecer-me: «**As nacionalizações são bonitas, mas sofrem desta desumanização...**» É verdade. Não se conhece nem o nome de quem manda, nem a pessoa. Daí, aquele ar triste, quase envergonhado, deste trabalhador desumanizado. O trabalhador e as relações humanas são impessoais, assim! Quem trabalha precisa de estímulos mais fortes do que o ordenado ao fim do mês! Precisa de ser conhecido, estimado, orientado por quem, acima de si, também serve pelo difícil trabalho de mandar. Isto não se inventa. Vive-se!...

Aqui fica este caso de desumanização que eu também senti!

Padre Moura

Retalhos de vida

«Pestanas»



Chamo-me Paulo Alexandre, mais conhecido por «Pestanas»

Sou natural de Caxias. Somos quatro irmãos e uma irmã.

Éramos quatro irmãos, todos cá na Casa do Gaiato do Tojal, mas um fugiu. Agora estamos só três e continuamos felizes. Ele fugiu e foi para casa dos meus tios.

Eu vim para cá no dia 22 de Maio de 1977 por causa do meu pai que fugiu da minha mãe.

Os meus dois irmãos mais velhos, que já cá estavam, viram que eu e o meu irmão estávamos mal e disseram ao sr. Padre Luís que estávamos mal. O sr. Padre e mais um gaiato, que hoje já está casado, foram-nos lá buscar.

É um pouco da história da minha vida que ofereço aos leitores do nosso jornal com muito carinho.

Paulo Alexandre



O eruzeiro, eles e a corda. É a hora do recreio.

DOCTRINA

● A gente tem a paixão do turgório e queima as asas dentro dele, na vida de quem lá mora, como fazem as borboletas contra a luz das candéias.

— Meu senhor, mas eu nunca lhe fiz nenhum bem nem posso jamais retribuir tudo quanto me tem feito!

Ouvimos e saímos a murmurar a mesma prece ao Deus Invisível e Imortal, usando as mesmas palavras e sofrendo a mesma confusão do Pobre que deixamos ficar.

● Dar às escondidas, a quem não pode retribuir nem sequer agradecer, é um acto perfeito de amor de Deus. É ter conhecimento profundo de que é no bem que fazemos aos mais que Ele faz todo o bem à nossa alma.

● Somente alcança misericórdia aquele que por misericórdia se compadece da sorte dos Irmãos pobres. Isto chama-se Caridade.

● A Caridade não se falsifica, como se não falsificam os elementos da Natureza. Ela é aquilo que é — fonte da Vida. Ela é já Vida de quem a pratica.

O. Amín. 5!

DELINQUÊNCIA DE MENORES discutida em Seminário

Cont. da 1.ª pág.

Vamos agora à incoerência (e falta de coesão) entre as várias partes do sistema social em que vivemos. Grita-se de um lado: «A delinquência de Menores atinge proporções assustadoras!» Outros sectores vão promovendo a degradação: É a TV, é o cinema, é essa literatura de menos que cordel que dá pelo nome de «histórias aos quadrinhos» com toda a gama de violências e imoralidades; é a licenciosidade dos costumes consentida em nome da liberdade.

Vamos a um sector ainda mais responsável, o da Educação. Nos meus tempos de menino o Ministério respectivo chamava-se, modestamente, da Instrução. Agora — há muito, já! — chama-se da Educação. Qual o panorama?

«Na opinião dos participantes (no referido Seminário) —

reporto-me à notícia do matutino — as turmas com muitos alunos e o simples despejar de saber nas aulas, causam o desinteresse aos alunos e motiva-os para a rua». É uma opinião crítica bem dura, infelizmente não de todo injusta.

Por outro lado, é sabido que «as Escolas ocupam poucas horas por dia e apenas durante alguns meses». E também «que os pais ocupam geralmente grande parte do dia nos empregos, restando ao Menor a rua, onde ele encontra a delinquência».

Aqui temos um retrato que quem dera fosse mal focado, mas não é, da desconexão vigente entre sectores da vida nacional que agem, cada um para seu lado, sem se integrarem, como devia ser a nível governamental, para a resposta eficaz a males que ferem o corpo vivo da Nação, justamente na sua parte mais frágil que é a

infância e juventude, do que resultam núvens ainda mais negras sobre o futuro.

Diante destas premissas acima postas, os participantes neste Seminário pronunciaram em grito de conclusão: «Assim, foi unânime o apoio à proposta de criação de ocupações para os tempos livres das crianças, bem como a sua participação em trabalhos de equipa de utilidade escolar ou social. E foi salientada a necessidade de que seja implantada a formação escolar e profissional, a reintegração social no caso de delinquentes e à busca do primeiro emprego».

Oxalá haja quem os oiça e não tenha sido só uma sessão de estudos, mais um congressozinho em «passos perdidos», este Seminário no Centro de Estudos Judiciários.

Padre Carlos

Maestro MIGUEL DE OLIVEIRA

Esta Família, nascida em nome de Jesus, vive desde o seu nascer do somatório da colaboração de muitos Irmãos nossos, de muitos Amigos, que ao longo dos anos nos vão ajudando das mais diversas formas.

Queremos hoje recordar um deles, a quem o Senhor chamou para junto de Si: O maestro Miguel de Oliveira, que ao longo de muitos anos orquestrou as melodias que alegraram os encontros realizados nas Festas da Casa do Galato de Paço de Sousa — pelo norte do País.

Ao recordá-lo, juntamos no nosso pensamento todos os nossos Amigos que o Senhor já chamou para a Eternidade.

Padre Abel

Director: Padre Telmo
 Chefe de Redacção: Júlio Mendes
 Redacção e Administração: Casa do Gaiato — 4560 PAÇO DE SOUSA — Telef. 952285
 Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa